



## CRIANÇAS EM RISCO ÁREAS SÓCIO-EDUCATIVAS

P. 4 a 6

## BRINQUEDOS TRADICIONAIS POPULARES

P. 2/3

## O PAI NATAL... OS POSTAIS DO IAC...

P. 8



## E D I T O R I A L

Já lá vai o tempo em que se pensava que o recém-nascido era um ser vegetativo, cuja consciência só surgia com o emergir da linguagem. Hoje, sabe-se que o bebé é um ser de relação, de comunicação. Tem necessidade de amor, de contactos, de palavras, que se processam na esfera do privado, no seio do envelope cultural familiar.

Simultaneamente, a criança vai conhecendo o que está dentro e o que está fora: a sua célula familiar, com os seus ritos e microcultura, a sociedade, com as suas regras e os seus valores, uma sociedade que, devido à evolução das condições de vida das famílias, contribui, desde muito cedo, para assegurar o seu acolhimento, o seu desenvolvimento, a sua socialização (vide a recente criação da rede pré-escolar).

As realidades familiares vão mudando, há novas configurações familiares, a par das mais tradicionais, e importa estar atento às transmissões transgeracionais, às so-

lidariedades que se vão criando. Por um lado, a relação entre os elementos familiares aparece mais baseada no afecto mútuo do que nas "obrigações" convencionais. Mas, por outro, cresce o abandono, físico e objectivo, de crianças, aumentam as famílias desorganizadas e não estruturadas.

Ao programar estruturas de apoio social, seremos mais eficazes se identificarmos as dificuldades concretas e as potencialidades dos elementos em questão, bem como se analisarmos as redes sociais que podem ser chamadas a intervir.

Um bom contributo será, certamente, o recente estudo "Análise da investigação científica sobre a infância desenvolvida em Portugal desde 1974", levado a cabo pelo Instituto de Estudos da Criança, da Universidade do Minho. (ver página 7)

CLARA CASTILHO

# CRIANÇAS EM RISCO INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA NAS ÁREAS SÓCIO-EDUCATIVAS

MARIA JOÃO MALHO

O desenvolvimento industrial acelerado numa zona e o atraso noutras, o gigantismo dos centros urbanos, o crescimento exponencial de populações em certas áreas e a desertificação humana (e cultural) noutras, a predominância de vastas camadas de população envelhecida, o esgotamento muito rápido de recursos naturais não renováveis, ou não renováveis em tempo útil, o desgaste acelerado das áreas verdes do planeta,

as variadas e volumosas formas de poluição ambiental, a concentração de tecnologia, capitais e saberes numa zona e o analfabetismo e pobreza noutras, levou ao aparecimento e desenvolvimento de novos campos de estudo, de pesquisa e de intervenção, com vista a perceber, alterar e criar novas formas de relacionamento humano e consequentemente de condições sociais, culturais, económicas e de desenvolvimento.

Uma dessas novas disciplinas das ciências humanas é o que em português se convencionou chamar "psicologia ambiental/ecológica".



Basicamente, deixa de se poder ignorar, ou de não dar importância, à influência do ambiente no desenvolvimento, na aprendizagem e na educação do indivíduo, com vista ao esclarecimento das condições conducentes ao seu desenvolvimento ou à promoção de uma sociedade mais responsiva perante as necessidades ou motivos humanos. Segundo o Modelo Ecológico do Desenvolvimento, de Bronfenbrenner, quadro conceptual que permite compreender a interacção sujeito/mundo e consequente desenvolvimento (dinamismo, capacidade de estruturação e de criação do sujeito no e do ambiente em que está envolvido). A criança está no centro do modelo e só a partir dela e no seu contexto se podem apoiar as acções e condutas de intervenção que levem ao seu desenvolvimento global e harmonioso para que se torne pessoa.

Pereira e Jesuino (cit. in: Soczka, 1989:69) também afirmam que qualquer tentativa "(...) de isolar uma socialização da criança que

não considere igualmente os processos verificados nas suas relações diádicas e grupais, mormente familiares (...)" é enganosa e irreal.

E se bem que a família seja a influência mais precoce e mais forte para a criança em desenvolvimento, "o ambiente da criança é, antes de mais, os pais", como diz Pourtois (1994:290), na educação da criança há vários condicionantes, necessidades, exigências, afectos e apoio. O sistema familiar é uma adaptação para a fronteira do trabalho biossocial, e os pais carecem de apoio técnico, em parceria, na educação e preparação das crianças para a vida. Com efeito, as famílias, e certas famílias em particular, são cada vez mais insuficientes ou parciais (são apenas uma parte) no fornecimento do todo que é a formação da pessoa, face ao mundo e à família tal como são hoje. As famílias não têm apenas que ser eficientes e organizadas no cumprimento das tarefas da existência, têm também que ser eficazes na satisfação das necessida-



BOLETIM DO IAC  
Nº 46  
OUTUBRO/DEZEMBRO  
1997

director  
Matilde Rosa Araújo  
coordenação  
Grupo Técnico do IAC  
António Torrado  
Clara Castilho  
Leonor Santos

edição  
Instituto de Apoio à Criança  
Largo da Memória, 14  
1300 Lisboa  
concepção gráfica  
e produção  
Joana Imaginário  
fotógrafos  
e impressão  
Eligrafe  
depósito legal  
Nº 74 186/94  
tiragem  
3000 ex.

des emocionais dos seus membros e no controlo dos sentimentos negativos. A criança precisa de amor e interacção, e as necessidades de dependência e de autoridade serão mais fortes nas famílias "menos saudáveis", tendo os professores, tendo agentes assistenciais da comunidade, e todos os outros técnicos, papéis formais a desempenhar importantíssimos; as crianças procuram muitas vezes fora, e na escola, o afecto e a estabilidade que não têm em casa.

Hoje são os técnicos que, ao lado dos pais, têm que ser parceiros na preparação e educação das crianças para que estas atinjam um desenvolvimento harmonioso. Os técnicos podem desenvolver os princípios e os pais podem ajudar os técnicos.

O suporte à família encontra-se em três áreas, social, material e de informação, estando relacionado com: o grau de organização da família; a extensão do clima social positivo; a qualidade na relação da família com outras pessoas; a estabilidade da família ao longo do tempo; a avaliação do nível de stress que envolve a família — particularmente notado: no grau em que a família está estigmatizada na comunidade; no grau em que a família é sistemática e negativamente discriminada, e no grau de extensão em que a família não está de acordo com os comportamentos, normas e práticas da comunidade a que pertence e às normas e práticas sócio-culturais.

#### PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO DIMINUEM INSUCESSO

Para ilustrar o que acabamos de referir socorremo-nos do gráfico da figura junta, retirado do trabalho de investigação *The High/Scope Perry Preschool*, desenvolvido nesta escola que, segundo os seus autores Schweinhart, L. e Weikart, D. B.

(1978), teve sucesso porque conseguiu contar com a realização das acções correctas, às famílias e crianças correctas, no momento certo.

As crianças que foram atendidas estavam em situação de insucesso porque os seus pais viviam em ambientes stressantes, com problemas económicos e com falta de valores nomeadamente educativos. As crianças que falham na escola ficam em risco de poder vir a ser adultos alvo de exclusão social.

O objectivo foi o de ajudar as crianças em risco, em apoio às famílias, de uma maneira pragmática, a ter sucesso escolar, procurando que ficassem mais bem preparadas, com competências sociais e intelectuais e a serem capazes de ultrapassar positivamente as dificuldades.

Segundo o mesmo estudo, o investimento com sucesso (financeiro e técnico) em programas de educação para a infância leva à diminuição do insucesso das crianças em risco; para além disso, é cientificamente válido e representará menos gastos económicos que os da reparação, menos situações de risco e de mal-estar e sofrimento social e humano (Center for Educa-

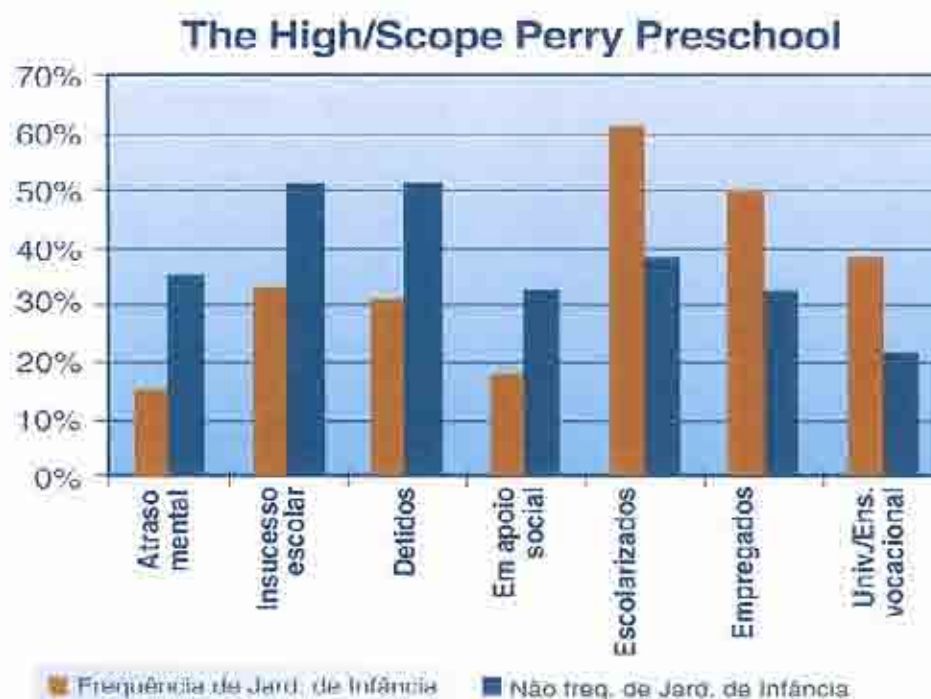
tion Statistics, 1986).

A pobreza não é uma característica pessoal, é uma condição ambiental tal como o são os programas preventivos, na área educativa ou outras, que constituem sistemas de suporte destinados ao desenvolvimento de competências sociais.

Finalmente, é importante que, se bem que os ambientes ricos e organizados possam ser melhores para as crianças do que ambientes pobres, o mais valorativo é chamar a atenção para que a qualidade sobressaia relativamente à quantidade. O que enriquece não é a quantidade mas a qualidade e a variedade de experiências que possam permitir às crianças o desenvolvimento de competências sociais adequadas.

#### Referências bibliográficas

- Bronfenbrenner, U. (1979). *The Ecology of Human Development: Experiments by Nature and Design*. C.H.U.P., U.S.A.  
 Pourtois, J.P. e outros (1994). "Educação Familiar e Parental" in *Inovação*. Lisboa, I.I.E. 7,3 (289-305).  
 Weikart, D.P. e outros (1978). *The Ypsilanti Perry Preschool Project*, U.S.A.



# UM TEMA ALICIANTE!

JOÃO AMADO\*

*A minha investigação na área dos brinquedos tradicionais populares (que distingo dos tradicionais artesanais) tem consistido numa tentativa de inventariação desse tipo de material lúdico, manufacturado pela própria criança ou pelos seus amigos ou familiares mais próximos e que faz parte das tradições locais.*

**T**rata-se de um levantamento com características pouco sistemáticas, na medida em que não tem havido um trabalho de campo, planificado e exaustivo, para o fazer — pelo contrário, tem sido feito à margem de preocupações profissionais e/ou académicas. No entanto, a atenção tem estado, desde há muito, virada para esta dimensão, bastante esquecida, da cultura... as conversas vão lá dar invariável e obstinadamente e, como uma bola de neve, atrás de aprendizagens outras aprendizagens vou fazendo, na encruzilhada de mil conversas que me têm sido possíveis, por esse país fora.

A par disso, e por causa disso, tenho procurado reflectir sobre a função educativa de todos esses objectos, no âmbito de uma educação familiar e em condições sócio-culturais mais ou menos ultrapassadas, pelo menos nos países industrializados.

Posso afirmar, deste modo, que tem sido um trabalho (ou passatempo?) fascinante, por motivos diversos.

Primeiro, pelas surpresas constantes no que respeita à variedade desse tipo de objectos. Actuando de modo a estimular a memória do adulto (especialmente o de origem rural) — através das referidas conversas, mas, também, através de exposições de fotografias e objectos, de palestras, de acções de formação para educadores, acções de animação para crianças, em instituições, escolas ou na rua (por

iniciativa própria ou em colaboração) —, vou exercendo uma espécie de arqueologia do imaginário infantil, perseguindo um filão que me parece inesgotável.

Neste momento, possuo um registo de cerca de 300 espécies de brinquedos do género — registo em que me preocupou pelas formas e materiais, pelas designações variadas, pelo contexto lúdico de utilização, pelas localidades de origem da fonte de informação, pela bibliografia nacional e estrangeira que ao brinquedo se refira, pela iconografia e história, pelas referências de natureza literária, psicológica, antropológica, sociológica, educativa, etc., etc.

Segundo, nessa pesquisa, assente sobretudo no diálogo, vêm à luz, também, os efeitos multidimensionais da descoberta e da conquista do mundo, pela criança, através de tais objectos cuja construção era já em si brincadeira ou jogo. Na linguagem do adulto que recorda (e revive) os momentos lúdicos da sua infância, é possível detectar indicadores que revelam a influência positiva destes objectos no desenvolvimento da criança, estimulando o desenvolvimento simultâneo e harmonioso da psicomotricidade, da afectividade, da sociabilidade e da criatividade, e organizando a aprendizagem de novos conhecimentos, de valores, de normas e de técnicas. Uma verdadeira “introdução ao mundo”!

Os exemplos são imensos. Perpassando cada um dos espécimes recolhidos, veríamos como os efeitos sobre o desenvolvimento se concretizam, podendo acentuar-se em cada caso, um ou outro domínio, sem nunca perdermos de vista o contexto lúdico e cultural — o que, aliás, tenho tentado em outras comunicações e escritos<sup>1</sup>.

Poderíamos falar de aprendizagens como:

— Da capacidade de andar,

real e simbolicamente, sobre o mundo (aqui caberia falar do carro de rodas, da andadeira, do arco e de tantos outros “transportes simbólicos”);

— Da capacidade de sobreviver de uma forma nem sempre pacífica com as outras espécies (recorde-mos o, ainda universal, arco e flecha e todas as outras engenhosas imitações de armas);

— Do amor e do afecto, especialmente nas suas manifestações culturais (como se revela no tratamento a dar a bonecos e bonecas e na sua própria confecção);

— Do diálogo e do poder da linguagem (servindo-se das próprias palavras e de acessórios, como o telefone de cordel);

— Da vida, nas suas mais diversas formas de a empenhar pelo trabalho (miniaturas de alfaia agrícolas e outras, em que sobressaem os carros de bois, evidenciando a marca rural e camponesa da iniciação ao trabalho);

— Das regras do jogo e do convívio (jogo do pião, jogo das petrinhas, etc.), numa interiorização das regras institucionalizadas, mas também no estímulo à sua criação e recriação no interior do próprio grupo de jogo;

— Dos recursos naturais que a liberdade de movimentos em espaço aberto, a cada passo, ia ampliando. Espaço e movimentos livres que estimulavam a exploração e a transgressão de todo o tipo de limites e possibilitavam múltiplas e variadas formas de aproveitar e de transformar o mundo natural!<sup>2</sup>

### A RUA COMO PRINCIPAL ESCOLA

Produzindo e utilizando todos estes brinquedos, toda a criança foi equilibrista e pintora, ceramista e botânica, arquitecta e caçadora, lavradora e escultora, tecedeira e investigadora... e tudo o mais quanto

pôde aprender na principal das suas escolas — a rua! Imitando, utilizando a imaginação criadora e cooperando na produção destes brinquedos, ela incorporava a memória cultural da sua comunidade sem conflitos graves nem com os outros humanos nem com as outras espécies.

Um terceiro motivo de fascínio é, precisamente, essa proximidade constante entre estes objectos e a natureza. Eles são verdadeiramente “frutos da terra”, quase “brinquedos naturais”<sup>3</sup> porque também, quase invariavelmente, se fazem de flores, de folhas, de frutos, de sementes... enfim, da madeira, da árvore... num contexto em que o barro, a água, o fogo e o ar não deixam de conter uma enorme importância nos primeiros contactos harmoniosos, estimulantes e criativos, da faixa juvenil da espécie humana com o mundo.

A esta luz compreendo melhor o filósofo Gaston Bachelard, quando, em delicioso texto, nos diz: “Valores vegetais nos comandam. Cada um de nós ganharia em fazer o levantamento desse herbário íntimo, no fundo do inconsciente, onde as forças suaves e lentas da nossa vida encontram modelos de continuidade e perseverança. Uma vida de raízes e de rebentos está no coração do nosso ser. Na verdade, somos plantas muito velhas”<sup>4</sup>.

Finalmente, um quarto motivo é o encontro com a história e a distribuição geográfica destes objectos — um encontro proporcionado, especialmente pela bibliografia, mas também pela visita ao Centro de Cultura Lúdica de Turim<sup>5</sup> e a estadia de uma semana, com uma exposição, no Museu do Brinquedo de Bruxelas<sup>6</sup>. É maravilhoso descortinar, por detrás de muitas destas silenciosas e humildes peças, o peso de uma herança que, por vezes, atravessa milénios, espaços e culturas — assim é, com

efeito, pelo menos em muitos casos, o que me leva a falar de brinquedos europeus e, em alguns casos, brinquedos universais e de todos os tempos.

Em algumas comunicações, nesta linha<sup>7</sup> tem sido meu objectivo tomar patentes algumas etapas históricas, reconhecíveis, dos brinquedos populares; a pesquisa tem-me revelado que, se é certo que as sociedades de outros tempos eram bem menos permissivas, em relação às crianças, do que hoje, a documentação iconográfica demonstra, porém, que elas tinham “o mérito, apesar disso, de respeitar, fosse por que razões fosse, o desenvolvimento da criança através de jogos que estavam na linha das tendências infantis e, ao mesmo tempo, da tradição”<sup>8</sup>, o que talvez não se possa dizer nos dias em que a escola se abriu, de par em par, a todos os meninos (pelo menos na civilização ocidental). Por outro lado, creio que história possível destes objectos e da sua relação quotidiana com a criança, ainda que limitada e cheia de lacunas, revela bem a altíssima dignidade de coisas tão modestas. A sua perenidade no tempo, para lá das mudanças é, certamente, um apelo para que nunca, em qualquer circunstância, se ponha de parte o rico e complexo imaginário infantil — elaborado muito aquém da escola, numa relação dialéctica com o mundo —, os outros e as coisas que rodeiam a criança. Esse imaginário, essa “memória infantil”, como diz Raul Iturra, “está formada pelo espaço, pela actividade que desempenha segundo o ritmo sazonal, e pela exploração que faz com jogos e brinquedos que lhe fornecem um campo de experimentação das actividades para as quais está a preparar-se como futuro membro adulto do seu grupo”<sup>9</sup>.

Substituir todas estas aprendizagens e, sobretudo, as “tecnologias



“O MENINO JESUS A BRINCAR COM UM MOINHO DE VENTO E UM ANDARILHO”  
MEDALHÃO DE HIERONYMUS BOSCH

da aprendizagem” subjacentes, pelos conhecimentos e pelos processos de aprendizagem do mundo que o adulto lhe quer impor, fazendo tábua rasa “daquilo que a criança pode oferecer”, na escola ou no lar, é pôr fim ao que de melhor resultou de milhares de anos de Hominização e de Humanização.

#### O QUE É PRECISO...

Seria muito pouco se tudo isto se reduzisse a um simples interesse intelectual, pessoal. Costumo dizer que esta é a minha forma de fazer poesia... Mas a poesia tem de ser “redita”, pelo leitor, pelo ouvinte... Nesse espírito tenho procurado, pelos mais diversos meios, mas em especial junto de crianças e de educadores, que estes artefactos, criados e transmitidos pelas próprias crianças a outras crianças durante séculos, ainda possam ter alguma importância e significado para os meninos de hoje... Essa experiência tem-me demonstrado, contra os críticos (em especial os que advogam a inutilidade e até a impossibilidade da recuperação do passado), contra os adeptos do monopólio da elec-

# BRINQUEDOS TRADICIONAIS POPULARES

trônica lúdica, contra os adeptos da exclusividade "do brinquedo educativo", que:

— O que é preciso é redescobri-los e mostrá-los (e, para isso, inventariá-los com carinho como quem lhes rende uma homenagem)...

— O que é preciso é animar a sua reconstrução pelas crianças (se possível num espaço aberto, no campo, reaprendendo também a tratar a natureza como irmã)...

— O que é preciso é contar a história destes objectos (e cruzá-la com a nossa própria história de vida, enquanto avós, pais, amigos, educadores e "estranhos"... num diálogo de gerações e de culturas que se não pode perder e que, também, passa por este tema...).

Tenho experimentado... e resulta!

Felizmente não estou sozinho. São muitas as pessoas e as instituições com quem me encontro e que acreditam na aprendizagem feita em festa, no jogo, no espaço livre, na rua... que acreditam que se os contextos culturais e sociais que, espontaneamente, davam vida aos brinquedos populares, já são raros nas sociedades industrializadas, cabe à escola, às associações, instituições de ocupação de tempos livres, estudar, mostrar e animar a reconstrução deste insubstituível património cultural lúdico.

Enquanto é tempo... Porque, parafraseando e citando Boaventura Sousa Santos, também neste caso, como em muitas outras dimensões da vida e da cultura popular, da medicina à agricultura, passando pelo jogo e pela festa, o trágico é que daqui a alguns anos tenhamos "pateticamente de inventar, com atraso, claro, aquilo que já tivemos quando éramos atrasados" (...).<sup>10</sup>

Nesta dimensão, o trágico estará na perda de importantes e milenares referências para a capacidade de criar, de recriar e de "construir ideias"<sup>11</sup>, de exercer a demiúrgia sobre a matéria, de gerar coisas que rolam, que mexem, que andam, que produzem sons, que se adormecem... de "criar uma vida, não uma propriedade"<sup>12</sup>. Uma perda que é cada vez mais uma ameaça, por acção do consumismo exagerado e da escola elitista, ao serviço da produtividade e incapaz de assumir a "memória cultural" que a criança adquire antes e além dela — com todas as consequências que isso acarreta para o indivíduo e para a comunidade.

<sup>10</sup> Assistente da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

<sup>11</sup> AMADO, João, "Função educativa dos brinquedos tradicionais populares", Revista Portuguesa de Pedagogia, 1992, Ano XXVI-III, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, pp. 393-433.

<sup>2</sup> FABRE, Daniel, "Une culture paysanne", in BOURGUIÈRE, André, e REVEL, Jacques, Histoire de la France: Les formes de la culture, Paris, Ed. Seuil, 1993, pp. 167-168.

<sup>3</sup> AMADO, João, "Brinquedos Tradicionais — Brinquedos Naturais", Comunicação ao encontro "Os Jogos no Mediterrâneo", Fundação C. Gulbenkian, 13-15 de Janeiro de 1993, org. do IAC e Faculdade de Motricidade Humana da U.T.L.

<sup>4</sup> BACHELARD, G., O Direito de Sonhar, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1991, p. 64.

<sup>5</sup> Proporcionada pelo Instituto de Apoio à Criança na oportunidade do V Encontro Internacional de Ludotecas, Novembro de 89.

<sup>6</sup> A convite da Embaixada de Portugal na Bélgica, em Junho de 1992.

<sup>7</sup> AMADO, João, "O Brinquedo Popular e a Criança", Comunicação ao Encontro "O Jogo e o Desenvolvimento da Criança — Perspectivas de Investigação", Fundação C. Gulbenkian, 10-12 de Janeiro de 1994, org. pela Faculdade de Motricidade Humana, da U.T.L.; AMADO, João, "Brincar, aos olhos de Breughel...", Comunicação ao "6º Encontro Nacional de Ludotecas e Espaços de Jogo ao Ar Livre", Hotel Altis, Lisboa, 24 a 27 de Maio de 1994, organizado pelo IAC.

<sup>8</sup> GUILLEMARD, Colette, 1986, La vie des enfants dans la France d'autrefois, Christian de Bartillat Editeur, p. 208.

<sup>9</sup> ITURRA, Raul, 1990, Fugirás à Escola para Trabalhar à Terra, Lisboa, Escher, p. 123. Também, REIS, F., 1991, Educação, Ensino e Crescimento, Lisboa, Ed. Escher; VÍFIRA, R., 1992, Entre a Escola e o Lar, Lisboa, Ed. Escher.

<sup>10</sup> SANTOS, Boaventura Sousa, "Portugal: sem destino, com futuro", in Jornal da Letras, nº 11, Maio de 1994, pp. 19-20.

<sup>11</sup> Para retomar as felizes palavras de Maria José Vaz e col et al, in Construir Ideias, Lisboa, Texto Editora, 1993.

<sup>12</sup> Barthes, Roland, 1976, Mitologias, Ed. 70, p. 72.

## SOS-CRIANÇA

— Deslocou-se, no dia 22 de Setembro, ao SOS-Criança, para troca de experiências uma delegação do Projecto Escola de Rua de Maputo, oportunidade para ser dada formação técnica sobre este serviço.

— Ainda em Setembro, nos dias 29 e 30, um grupo de técnicos de serviço social, provenientes de Maastricht, esteve presente no SOS-Criança, onde a troca de experiências valorizou os seus estágios profissionais.

— Em Outubro, T. Manuela Eanes e Manuel Coutinho estiveram em Bruxelas, no Parlamento Europeu, onde, com uma representante do PAFAC e outra de Provedoria da Justiça, integraram a comitiva portuguesa que esteve presente no seminário "The Ombudsperson for Children in Europe".

— A 15 e 16 de Outubro, Paula Duarte, do IAC de Coimbra, recebeu formação na equipa SOS-Criança.

## TORRADO DA SILVA

Faleceu, no passado dia 4 de Novembro o dr. António Nuno Torrado da Silva, médico pediatra, sócio fundador do IAC nº 17. Foi membro do Conselho Coordenador de 1983 a 1986 e vogal da Direcção desde 1996. À família, as nossas sentidas condolências.

No próximo número do Boletim do IAC, abordaremos o contributo que deu em prol da criança portuguesa.

# A INFÂNCIA EM PORTUGAL

O Instituto de Estudos da Criança, da Universidade do Minho, está empenhado num Projecto de Investigação sobre a Infância em Portugal, que se propõe contribuir, com a colaboração de pessoas e instituições nacionais, para colocar ao dispor da comunidade dos interessados informação pertinente que possibilite pensar e apoiar a implementação de políticas de infância que contem com a visão, opinião e representação das próprias crianças.

Para isto, levou a cabo a inventariação e análise dos trabalhos científicos publicados, desde o 25 de Abril de 1974 até ao presente em diferentes áreas.

No dia 26 de Setembro reuniu

os investigadores, juntamente com algumas personalidades que se têm destacado na investigação relativa à criança, e convidou o IAC a estar presente.

Cinco grandes áreas serão alvo de estudo: A criança e a justiça em Portugal; As crianças e os media no pós-25 de Abril; A criança, a economia, o trabalho e o desenvolvimento social; O tempo livre na infância e as práticas lúdicas; Políticas sociais para a infância.

A 12 e 13 de Dezembro foi apresentado e debatido o documento "Análise de investigação científica sobre a Infância desenvolvida em Portugal desde 1994", a que nos referiremos no próximo Boletim do IAC.

## IAC PRESENTE

Nas 1<sup>as</sup> Jornadas Ibéricas de Educação Social, na Universidade Portucalense, em 13 e 14 de Novembro, no Porto, onde Manuela Eanes apresentou o tema "Políticas e práticas de intervenção".

Manuela Eanes esteve no International Forum for Child Welfare, em Faro, de 6 a 10 de Outubro, 8<sup>a</sup> edição do Fórum Mundial da Criança.

O IFCW é uma ONG internacional com estatuto consultivo nas nações unidas, que mantém contacto com mais de mil ONG, através dos seus cerca de 150 membros, em várias dezenas de países, sendo a sua missão trabalhar a favor das crianças de todo o mundo.

## ACTIVIDADE LÚDICA

### PROGRAMA PILOTO EM 98

O Sector de Actividade Lúdica do IAC, com o apoio do Serviço de Educação da Fundação Gulbenkian, vai dar início a uma nova modalidade de formação, a partir de Janeiro de 1998.

Trata-se de um programa piloto, destinado a um público específico, que tem a finalidade de contemplar uma vertente de formação em continuidade, facultando um

espaço e tempo de reflexão e permitindo intercalar o que se aprende com o que se pratica.

Esta proposta resulta da avaliação das acções de formação até agora efectuadas em áreas que não são contempladas nos currículos das várias instituições de ensino médio e superior, de técnicos que trabalham no âmbito da formação, educação, saúde, comunicação e vida cultural.

## NATAL NO PAÍS

Teve a colaboração do IAC (que escolheu as escolas convidadas), das câmaras municipais por onde passa e de várias empresas. E também de várias caras conhecidas da SIC. Distribuiu lanche e prendas pelos meninos mais desfavorecidos, que o Pai Natal e ajudantes levavam em

sacos. E tudo isto de uma forma original: um camião TIR pintado de vermelho e cheio de luzinhas a piscar e de prendas levou um espectáculo itinerante a 18 capitais de distrito do país, entre 25 de Novembro e 12 de Dezembro. Depois passou para o ecrã. Até ao Dia de Natal.

## AS MAIS BELAS CANÇÕES DE NATAL

As mais belas canções de Natal foram cantadas no dia 11, no Coliseu dos Recreios de Lisboa, num espectáculo de benicência a favor de crianças desfavorecidas.

Esta festa, uma iniciativa do prior João Valente para angariar fundos para as obras sociais e humanas da paróquia de S. Pedro de Alcântara, dividiu-se em duas sessões. Para a da tarde foram convidadas 2000 crianças, as mais desfavorecidas de Lisboa, e o critério de selecção coube ao IAC, em colaboração com Manuela Eanes.

Rui Veloso, Carlos Guilherme, Nunó da Câmara Pereira, Mafalda Veiga, Sara Tavares, José da Câmara, Maria Ana Bobone, Africans Voice, Luís Represas, Coro da Renascença e maestro José Calvário deram vida às mais belas canções de Natal.

# O PAI NATAL... NO CORAÇÃO

(...) Não sei se vocês acreditam ainda no Pai Natal, mas eu continuo sempre a acreditar nele. Posso bem contar-lhes... que quando o João [filho da escritora] estava na infância, disse-me um dia: "Como é que há tantos Pais Natal? Há-os azuis..., há-os violetas..., há-os vermelhos...!" Passeava-se na rua e havia Pais Natal por toda a parte. Então, eu disse-lhe: "Mas, tu sabes, aquele Pai Natal conheço-o, é fulano"; era um dos empregados de uma loja de brinquedos, ou de uma pastelaria, que se tinha disfarçado de Pai Natal, e o outro também é um vendedor de armazém disfarçado de Pai Natal. Ele perguntou-me: "Mas então é o verdadeiro?...". "O verdadeiro está apenas no nosso coração. É como um duende gigantesco que nós imaginamos. Quando se é pequenino, fica-se contente ao pensar que duendes ou gigantes podem existir. Tu sabes muito bem que os duendes não existem. Os gigantes dos contos também não. O Pai Natal não nasceu, não teve um papá, uma mãe. Não está vivo; só está vivo, na época do Natal, no coração de todos os que querem fazer uma surpresa para festejar os mais pequeninos. E todas as pessoas crescidas se lastimam de já não serem pequeninas; então, gostam muito de continuar a dizer às crianças: 'É o Pai Natal'; quando se é pequeno não se sabe fazer a diferença entre as coisas verdadeiras vivas e as verdadeiras que só se encontram no nosso coração."

Ele ouviu tudo e disse-me: "Então no dia seguinte ao Natal ele não vai partir no seu carro com as renas? Não vai tornar a subir para as nuvens?" "Não, porque está no nosso coração." "Então se puser os sapatinhos ele não me dará nada?" "Quem não te dará nada?" "Não haverá nada nos sapatos?" "Haverá, sim." "Mas então, quem o porá?" Eu sorri. "És tu e o papá quem lá porá qualquer coisa?" "Sim, é claro." "Então também eu posso ser o Pai Natal?" "Com cer-

teza, tu podes ser o Pai Natal. Também vamos pôr os nossos sapatos, o teu pai, eu e a Maria. Tu porás coisas dentro deles. E depois tu saberás que és tu o Pai Natal para os outros. E eu direi; 'Obrigada, Pai Natal' e serás tu quem receberá o agradecimento, mas eu farei como se nada soubesse. Quanto ao teu pai, não lhe direi que foste tu, será uma surpresa também." Ele ficou encantado, entusiasmado, e disse, ao voltar do passeio: "É ago-

ra... que sei que não existe de verdade, que o Pai Natal é verdadeiramente bom."

A imaginação e a poesia infantis não são nem credulidade, nem puerilidade, mas inteligência numa outra dimensão.

Trécho de *Como Agir perante a Criança e os Seus Problemas*, de Françoise Dolto (Publicações D. Quixote)

## PELA DEFESA DOS DIREITOS DA CRIANÇA POSTAIS PARA O NATAL

O IAC LANÇOU NESTE NATAL UMA COLEÇÃO DE SEIS POSTAIS CRIADOS PELA TERILENT & REX DESIGN E IMPRESSOS PELA ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS. TERESA COELHO, RICARDO CARRIÇO E HELENE MAHIEU SÃO OS AUTORES, A QUEM O IAC ENDEREÇA, BEM COMO A TODOS OS QUE COLABORARAM NESTA INICIATIVA, AGRADECIMENTOS NATALÍCIOS. OBRIGADO.

